

ENTREVISTA

Yoko Kamikawa / CHANCELER DO JAPÃO

Diplomata demonstrou apoio às prioridades do Brasil durante a presidência rotativa do G20, e apontou desafios urgentes para o planeta

FELIPE BARRETO / MEX/REUTERS/GETTY IMAGES

'PRECISAMOS ENFRENTAR A DESIGUALDADE E A POBREZA'



A guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas, na Faixa de Gaza, voltou a evidenciar uma discussão que há décadas frequentemente se repete: qual é o papel da ONU na resolução de conflitos e também para evitá-los. Nos próximos dias, uma nova resolução pedindo um cessar-fogo em Gaza deve ser apresentada ao Conselho de Segurança, mas os EUA sinalizam que devem vetá-la.

Em entrevista ao GLOBO, a chanceler do Japão, Yoko Kamikawa, afirmou que seu país, ao lado do Brasil, defende mudanças na ONU, incluindo no Conselho de Segurança. Kamikawa está na reunião de chanceleres do G20, que começa amanhã no Rio de Janeiro, onde promete apoiar algumas das prioridades do Brasil, como o combate à pobreza e a proteção do meio ambiente.

No ano passado, o presidente Lula e o primeiro-ministro Fumio Kishida concordaram em trabalhar conjuntamente para enfrentar as mudanças climáticas, a pobreza e o fome. Como o Japão acredita que o G20, este ano presidido pelo Brasil, poderá avançar nestas agendas?

A comunidade internacional está enfrentando múltiplas crises, o que torna cada vez mais importante para nós a cooperação no G20, o principal fórum para o diálogo internacional. No ano passado, o G20, como presidente do G7,

focou na integração dos resultados da reunião de líderes de Hiroshima, da qual o presidente Lula participou, ao G20. Este ano, o Japão espera trabalhar em conjunto com o Brasil, presidente do G20, para uma cúpula de sucesso. O Brasil estabeleceu como prioridades a inclusão social, a luta contra a pobreza, a transição energética e o desenvolvimento sustentável. Precisamos enfrentar urgentemente a questão da desigualdade e da pobreza para que tenhamos um mundo onde a dignidade seja protegida. O Japão contribuirá ativamente para acabar com a pobreza no mundo. Sobre a governança global, o Japão considera urgente fortalecer a ONU, incluindo a reforma do Conselho de Segurança.

Quais outros pontos o Japão pretende levantar?

O Japão prioriza algumas questões na reunião do G20: a construção de cadeias de suprimentos resilientes para comida e energia, questões de gênero, incluindo a agenda Mulher, Paz e Segurança (WPS), e a inteligência artificial. Naturalmente, como presidente do G7, o Japão formulou um plano concreto de ação sobre segurança alimentar, ao lado de países convidados, incluindo o Brasil, na reunião de Hiroshima no ano passado. Esse plano é consistente com as prioridades do Brasil. Sobre as questões de gênero, é necessário reduzir as diferenças e promover a participação das mulheres em todos os níveis de sociedade e economia. Ao mesmo tempo, a agressão contra a Ucrânia pela Rússia, um membro do G20, abalou as fundações da cooperação in-

ternacional do grupo. A Rússia continua com sua agressão, apesar da condenação da maioria dos membros do G20, é imperativo que a Rússia retorne suas tropas imediatamente. A ameaça nuclear russa, além do uso efetivo dessas armas, é absolutamente inaceitável. O Japão condena, de forma inequívoca, os ataques terroristas do Hamas de outubro passado, e se mostra preocupado com a piora da situação humanitária em Gaza. O Japão está em contato com os países que buscam a redução das tensões o quanto antes, se possível, cooperou com o Brasil em uma resolução do Conselho de Segurança sobre a situação em Gaza, e faz esforços vigorosos para enfrentar a situação através de sua assistência humanitária à Palestina. Vamos continuar com os esforços diplomáticos propositivos para a libertação imediata dos reféns.

No final de janeiro, a senhora disse que seria interessante promover uma "relação mutuamente benéfica" com a China, e torça-la "construtiva e estável" através do diálogo. Como equilibrar essa abordagem com as tensões envolvendo EUA e China?

Apesar de haver muitos desafios e questões entre Japão e China, como as tentativas uni-

laterais para mudar o status quo, pela força, dos Mares da China Oriental e do Sul da China, incluindo as Ilhas Senkaku, existem muitas possibilidades para nossos países. Japão e China são dois grandes potências, com grandes responsabilidades na garantia da paz e prosperidade da região e da comunidade internacional. Em novembro passado, o primeiro-ministro Kishida e o presidente Xi Jinping reafirmaram a intenção de promover, de forma ampla, as "Relações Mutuamente Benéficas Baseadas em Interesses Estratégicos Comuns". Os dois confirmaram uma ampla determinação de moldar "relações construtivas e estáveis entre Japão e China". Com base nesta política, continuaremos a nos comunicar de maneira próxima, em todos os níveis, com a China. A estabilidade das relações entre EUA e China é extremamente importante para a comunidade internacional, e continuaremos a trabalhar com nosso aliado, os EUA, para exigir que a China cumpra suas responsabilidades como grande potência.

Um outro tópico sensível da política regional é a Coreia do Norte. A senhora vê alguma possibilidade de engajamento entre Tóquio e Pyongyang?

O Japão está diante de um dos mais severos e complexos ambientes de segurança desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Nos últimos dois anos, a Coreia do Norte realizou ações provocativas, como os repetidos lançamentos de mísseis balísticos, incluindo intercontinentais, com frequência sem precedentes. O desenvolvimento nuclear e balístico da Coreia do Norte é totalmente inaceitável, uma vez que constitui ameaça à paz e segurança não apenas do Japão, mas da comunidade internacional. O Japão busca normalizar relações com a Coreia do Norte, de acordo com a Declaração de Pyongyang de Japão e Coreia do Norte, de setembro de 2002, através da resolução de questões importantes, como os sequestros, as atividades nucleares e balísticas, assim como a resolução do passado lamentável. O primeiro-ministro Kishida declarou que deseja manter conversas de alto nível, sob sua supervisão direta, para realizar uma reunião de cúpula com Kim Jong-un. Como ministro das Relações Exteriores, liderarei os esforços diplomáticos para esse diálogo.

Cidadãos de Brasil e Japão não precisam mais de vistos para viagens de curta duração

aos dois países. A senhora acredita que será um novo marco histórico nesta relação?

Japão e Brasil têm laços fortes e longevos, como simbolizado no 130º aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas entre nossos países, a ser celebrado no ano que vem. Esperamos que esse ano seja um grande sucesso ao lado do Brasil, um parceiro global estratégico do Japão, e fortaleça ainda mais as relações bilaterais, incluindo em temas de negócios, turismo, cultura e esportes, além da confiança que foi construída por muitos de nossos antecessores, incluindo a comunidade nikkei no Brasil. Neste aspecto, com o intuito de promover ainda mais trocas pessoais, no ano passado, que marcou o 115º ano da imigração japonesa ao Brasil, o Japão implementou uma exceção de vistos aos detentores de passaportes brasileiros para visitas de curta duração. Como o Brasil adotou uma exceção aos cidadãos japoneses, e as pessoas dos dois países agora podem se visitar sem visto. Tenho a confiança de que a medida será um novo marco histórico nas relações bilaterais, e contribuirá para o desenvolvimento de nossos laços.

Parceria estratégica. Chanceler do Japão, Yoko Kamikawa, durante conferência sobre a Ucrânia em Tóquio. Ministra defende expansão de laços com o Brasil

Yoko Kamikawa

Viúva de Navalny acusa Putin de assassiná-lo com veneno

Mãe do opositor não viu o corpo do filho morto e foi barrada em necrotério

WITOLD WARGAS

Advogada Yulia Navalnaya, viúva do ativista Alexei Navalny, acusou o presidente da Rússia, Vladimir Putin, de ter assassinado seu marido e declarou que dará continuidade ao trabalho do opositor, morto na última sexta-feira. As declarações de Navalnaya, de 47 anos, foram publicadas nas suas redes sociais. Em um vídeo de cerca de nove minutos de duração, a russa endereçou o discurso em relação ao mandatário do país.

"Desejo viver em uma Rússia livre e quero construir uma Rússia livre. Peço que vocês fiquem ao meu lado e compartilhem a raiva comigo entre aqueles que cusaram matar o nosso futuro", diz a

advogada nas imagens. Na gravação, Navalnaya ainda afirmou que o seu marido foi morto com novichok, substância neurotóxica que ataca o sistema nervoso e interrompe processos essenciais do corpo humano, como a respiração. "Eles mentem maldosamente e escondem o seu corpo", ela espera que os vestígios de mais um envenenamento por novichok de Putin desapareçam", declarou.

Por fim, a advogada assegurou que descobrirá quem o teria matado Navalny e como o falecimento ocorreu. Ela ainda prometeu que divulgará os nomes dos responsáveis e mostrará seus rostos.

A colônia penal onde Navalny estava encarcerado, que fica localizada nas proximidades do Círculo Polar Ártico,

disse para a mãe do opositor, Lyudmila Navalnaya, que ele foi vítima de "síndrome de morte súbita", mas a família e aliados do dissidente acusam a Rússia de esconder seu corpo.

ZOMBARIA

Segundo a equipe do opositor, os investigadores russos informaram a Lyudmila que os restos mortais de Navalny serão examinados por pelo menos "14 dias". Ontem, ela visitou o necrotério em uma cidade próxima à prisão, mas sua entrada não foi autorizada. Segundo a BBC, os funcionários nem mesmo confirmaram se o corpo de Navalny estava sendo mantido lá.

A equipe de Navalny diz que seu advogado foi expulso do prédio, e que o comitê investigativo prorrogou



Lula: Yulia Navalnaya em Munique, no mesmo dia da morte do opositor

a investigação sobre a morte dele. Não há prazo para os resultados, e nenhuma explicação oficial para o atraso na determinação da causa de sua morte foi oferecida. Como resposta, a equipe do opositor tentou acusar as autoridades de tentar encobrir o que aconteceu. Eles desejam verificar se há sinais de lesão externa.

Em uma publicação no X (antigo Twitter), a porta-voz de Navalny, Kira Yarmysh, chamou a pericia de "mentira descarada e uma zombaria". O corpo de Navalny está escondido para esconder vestígios do assassinato", afirmou na publicação.

CORPO COM HEMATOMAS

No domingo, um relato publicado pelo jornal Novaya Gazeta Europe indicou que o corpo de Navalny teria sinais de hematomas. A agência de notícias conversou com um funcionário da ambulância em Salekhard, perto da prisão, onde ele morreu. Conforme o para-

médico, os danos encontrados no corpo do político "ocorrem devido a convulsões", e teria sinais de que os médicos da prisão tentaram ressuscitar Navalny. Não está claro, porém, se já foi realizada uma autópsia. Ao anunciar a morte, o Serviço Penitenciário Federal afirmou que ele "sentiu-se mal após uma caminhada, perdendo quase imediatamente a consciência". Médicos da instituição teriam sido chamados e "todas as medidas de reanimação necessárias foram realizadas, mas não tiveram resultados positivos". O órgão afirmou que as causas da morte estavam sendo investigadas.

Nos últimos dias, Yarmysh confirmou a morte de Navalny. Em uma publicação no X, ela escreveu: "Alexei Navalny foi assassinado. Sua morte ocorreu no dia 16 de fevereiro, às 14h17, horário local, segundo mensagem oficial à mãe de Alexei". Ela também exigiu que os restos mortais do ativista fossem "entregues imediatamente à sua família".